

CARMEN LAFORET

A MULHER NOVA



cavalo de ferro

*Para Lili Álvarez, com gratidão,
com o meu grande afecto,
como minha madrinha de crisma.*

ADVERTÊNCIA

Neste romance, além de todas as personagens, são inventadas e situadas na província de León várias povoações, um rio e um vale. Não houve a menor intenção de fazer um romance de costumes. A autora, que conhece apenas de passagem esta região maravilhosa e cheia de contrastes, julgou possível encaixar na sua geografia este vale inventado, que lhe pareceu adequado ao desenvolvimento da sua história. E esta é a única razão para o ter feito.

*Porque, em Jesus Cristo, a circuncisão nada vale,
nem a incircuncisão, mas sim o homem novo...*

EPÍSTOLA DE SÃO PAULO AOS GÁLATAS

PRIMEIRA PARTE

I

O céu estava carregado no horizonte. Entre o pó e as pedras da rua, salpicadas de grandes bostas de vaca, sobre as quais zumbiam ávidas moscas verdes e listradas, levantava-se um desejo de humidade, uma ânsia da tempestade iminente.

Paulina não via onde punha os pés, descia a encosta muito depressa. Sentia apenas os batimentos pesados do coração. O marido, Eulogio, segurou-lhe o braço por mais de uma vez quando os seus frágeis sapatos se torciam entre as pedras, ou quando ela tropeçava.

– O comboio não sai antes das sete – recordou-lhe.

Lá em baixo, do outro lado do rio, via-se a pequena estação iluminada pela luz especial daquela tarde de Verão. Raios de sol, em feixes, escapavam por entre as crostas cada vez mais compactas das nuvens. O rio tinha um brilho escuro. Na sua margem, num dos lados da estrada, amontoavam-se grandes pilhas de carvão. Havia minas a poucos quilómetros da vila e o minério era transportado para lá em camiões. Mais tarde, era recolhido pelos comboios de carvão... Além destes montões de carvão, nada em Villa de Robre indicava a presença das minas. Pastagens muito verdes, com grandes rebanhos de gado, montes cobertos de carvalhos e castanheiros, e mais além os grandes penhascos que descreviam um semicírculo à volta do alargamento do vale onde se situava a vila. Estes penhascos não se

viam agora, cobertos pelas nuvens doentias, que pouco a pouco oprimiam tudo.

Quando Paulina e Eulogio atravessavam a ponte nova para chegar à estação, começaram a ouvir ao longe os primeiros trovões. Paulina sentiu no seu corpo o aviso da tempestade. Ergueu a cabeça de olhos abertos, sérios. Com o olhar, seguiu o curso do rio... Ali perto, a menos de dois quilómetros da estação, sobre uma colina e junto à chamada ponte velha (aquela ponte antiga de pedras romanas, por onde as carruagens estavam impedidas de passar), via-se o desenho escuro das ameias do castelo contra as nuvens, também escuras. O rio reflectia-as.

Eulogio seguiu, com o seu vivo olhar azul, o olhar de Paulina.

— Não percebo porque não queres usar o carro do Antonio para ir a Ponferrada. Tenho a certeza de que se lhe telefonarmos da estação...

Paulina virou a cabeça sem responder. Era uma mulher esbelta, de cabelos e olhos intensamente negros. O marido, um homem ainda jovem, de ombros largos, um pouco maciço, transportava a mala de viagem. Eulogio era louro, de olhos azuis, como a maioria dos membros da sua família, os Nives, importantes ganadeiros do vale do Robre. Vestia um casaco grosso de tecido artesanal, próprio para o campo. Trazia aberto o colarinho da camisa, muito branco, sem gravata. Transmitia uma grande confiança em si, um grande asseio em todos os detalhes da sua pessoa, sem qualquer rebuscamento. A sua cara era obstinada. Quando segurava Paulina pelo braço para que não caísse, ela sentia a força da sua mão quadrada através do tecido leve do seu fato de Verão, um fato de gabardina cor de palha... Paulina usava ao pescoço um lenço de seda verde que não a favorecia. A sua cara pequena, magra, parecia captar reflexos, também verdes, desse lenço.

Eulogio transportava o casaco e a mala da mulher, e ela segurava apenas a sua carteira branca. Era espantoso que

tivesse tão poucas coisas para levar... Numa hora, decidira ir-se embora. E ia... Ninguém se opusera.

Mariana, a mãe de Eulogio, limitara-se a erguer as sobran-celhas. Depois procurou os olhos do filho. Ambos haviam mantido o olhar por alguns momentos... Mariana pensava que Paulina não era uma mulher completamente sã. Eulogio, por seu turno, tinha a convicção de que não podia impedir Paulina de fazer o que ela quisesse. Não podia, nem moral, nem legalmente. Paulina não contara que ele pegasse com tanta naturalidade naquela mala e naquele casaco de lã branco para a acompanhar. Durante aquele curto espaço de tempo entre o anúncio da partida e a sua realização sem obstáculos, Paulina sentiu algo muito estranho: como alguém que houvesse reunido um esforço titânico para empurrar uma parede... e se apercebesse de que a parede era apenas uma ilusão de óptica.

– Vou telefonar ao Antonio – dissera Eulogio à porta do casarão –, era melhor que ele nos levasse de carro a Ponferrada. Assim eu acompanhava-te até ao expresso... Tenho a certeza de que vai gostar de ter esse pretexto para jantar fora de casa.

– Não.

Fora um *não* tão seco que Eulogio ficou parado.

– Não quero despedir-me de ninguém. Não tenho vontade de falar com ninguém... Não vou com o Antonio.

Ao atravessar a ponte sobre o Robre, o casal olhara para o castelo. Antonio vivia ali. Era primo de Eulogio e estava casado com a filha dos donos deste antigo castelo, os condes de Vados de Robre.

Da estação, a vila parecia uma água-forte naquela tarde. Cinzenta e preta. Era uma vila em socacos, com casas de pedra na sua maioria e telhados de ardósia. As casas pareciam coladas sem qualquer perspectiva ao fundo de um bosque de castanheiros e do céu escuro. De algumas chaminés subiam fios de fumo. Saíam pesadamente, cansados do calor e do céu opressivo.

Eulogio dirigiu-se à bilheteira. Paulina estava imóvel, a olhar para a vila. Parecia-lhe um lugar estranho, uma imagem escura, algo irreal.

– Comprei-te um bilhete em primeira porque, embora sejam só duas horas, vais mais confortável...

Tirou a carteira e, com naturalidade, escolheu algumas notas grandes. Ao mesmo tempo, ia falando com lentidão, com esforço...

– Toma. Tenciono ir em Outubro; se não chegar até lá, avisa-me, está bem?... Quando for, tratamos de tudo definitivamente. Parece-me que em dois meses terás tempo para pensar... Eu também... No entanto, acho que vou decidir ficar aqui. Era isto que procurava há anos, sem me aperceber. Tu pensarás depois em tudo. Não quero forçar-te... Sabes que não quero forçar-te... Mas pensa também no Miguel; enfim, tu verás... De qualquer maneira, levo o Miguel comigo em Outubro. Terá de ir para um internato ou... Depois vemos.

Paulina compreendia que aquilo que Eulogio dizia era de grande importância, apesar de vago. Sim, talvez tivesse importância... Era algo sobre a vida de ambos e o futuro do filho. Escutava, com os olhos escuros muito abertos, como duas grandes manchas de tinta preta. Mas não conseguia dizer nada. Nem conseguia pensar naquilo que estava a ouvir.

Ainda tinha as notas na mão, sem decidir-se a pô-las na carteira. O seu rosto estava um pouco rígido. Eulogio insistiu:

– Se precisares de mais alguma coisa, claro, telefona-me e diz-me... Bom... E se decidires outra coisa, já sabes...

A atitude de Eulogio era carinhosa, protectora. Como se falasse com uma criança ou com um doente.

Paulina pensava que lhe seria muito custoso falar. Se falasse, os seus olhos encher-se-iam de lágrimas. Essa impressão parecia-lhe horrível. Esperou um pouco. Guardou lentamente o dinheiro e, quando se deu conta de que o pequeno comboio

de bitola estreita ia partir, disse um «obrigada» muito áspero e rouco.

Eulogio, que já havia colocado no lugar a mala da mulher, abraçou-a e deu-lhe um beijo rápido e simples. Depois, viu-a desaparecer no interior do comboio.

O comboio era pequenino, cómico, com as suas três classes de passageiros. Uma velha locomotiva, com uma grande chaminé, apitava e lançava bolas de fumo branco naquela tarde tão escura e opressiva. Paulina não olhou pela janela.

Eulogio ficou sozinho na gare, um pouco rígido e desamparado. Pensou: *Pobre Paulina!* Não sabia muito bem porque é que ela estava tão infeliz... Mas até ele, que não estava habituado a mergulhar nestas coisas, conseguia notar-lhe a tristeza nos olhos. Enquanto Eulogio não havia encontrado a felicidade de um trabalho com verdadeiro interesse, enquanto nada a não ser obstáculos, dificuldades e ambições lhe haviam corroído a alma, aquele poço negro e triste que havia nos olhos de Paulina parecera-lhe natural e ao mesmo tempo desagradável. Agora era diferente. Além disso, ela estivera realmente doente...

O comboio desapareceu numa curva do vale. Iria acompanhar todo o curso do rio Robre no fundo do vale. Depois, faria um desvio para Ponferrada. Era nesta povoação que Paulina teria de apanhar o expresso de Galiza para Madrid. Naquele momento, Eulogio pensou que não cumprira integralmente o seu dever. Deveria tê-la acompanhado até lá, garantir que iria confortável... Haviam-no ensinado desde sempre a respeito das mulheres. Pequenas obrigações que a mãe o fizera considerar sagradas. Isso não impedia que em certas ocasiões fosse duro como uma pedra... Agora envergonhava-se das grandes e desagradáveis discussões com Paulina havia apenas alguns meses... A vergonha é uma coisa estranha. Vai-nos minando até brotar à flor da pele no momento mais inesperado. Eulogio não sentira compaixão por Paulina durante o longo ano

anterior, quando cada gesto da mulher o irritava. E nessa altura ela tentara agradar-lhe, ou pelo menos submeter-se submissamente às suas exigências... Agora que Paulina mudara a ponto de lhe parecer uma estranha, agora que nunca se ocupava dele (teriam sequer falado a sós desde que ela conseguira levantar-se da cama depois da doença que a deixou à beira da morte?), agora que, em casa da mãe de Eulogio, ela se comportava como uma convidada de honra, cheia de caprichos... Era precisamente neste momento que Eulogio sentia uns vagos remorsos, uma rara vergonha, algo por cuja causa não ousava julgar Paulina nem contrariá-la.

Eulogio atravessou a ponte. Os seus olhos azuis brilhavam vivos, redondos, na cara bronzeada e saudável. Tinha o sobrolho franzido. O ar era esmagador e ele desejou que a tempestade rebentasse de uma vez. Um rapazinho louro estava debruçado sobre o varandim da ponte, a olhar para a água. Lá em baixo, outros garotos nadavam, nus. Eulogio recordou que Paulina nem sequer esperara pelo regresso de Miguel, que passava quinze dias na aldeia, onde possuíam uma casa no bosque, para se despedir... Nos últimos tempos, nem o filho parecia importar-lhe. No entanto, dedicara a sua vida à criança durante dez anos.

Os trovões começaram a encher o mundo de avisos, como se de um momento para o outro as montanhas fossem desabar. Era estranha a quietude da vila, a impassibilidade do fumo das chaminés, dos negros telhados, das negras árvores. Viu claramente o zigzague de uma fásca eléctrica, lá em cima entre as nuvens, e um barulho tremendo, como se os penhascos já tivessem caído, ressoou por todo o vale... Eulogio ficou contente com aquela fásca, com aquele trovão. Em breve choveria.

II

Quando chegou a casa, ainda não haviam começado a cair os primeiros pingos.

Toda a família Nives provinha daquele casarão amplo e sólido de ganadeiros senhoriais, que agora era dele, embora, à semelhança de todos os seus bens, a mãe fosse a usufrutuária.

Outros parentes de Eulogio haviam-se instalado em Madrid e em várias capitais de província. Eram quase todos grandes burgueses, muito mais ricos do que Miguel Nives, o pai de Eulogio, havia sido, embora o seu modo de vida não fosse melhor do que aquele que Mariana estabelecera para eles. As Empresas Comerciais Nives, por exemplo, com um capital de muitos milhões, pertenciam quase exclusivamente aos seus tios e aos seus primos diretos... E tudo isto tinha importância, muito mais importância na família de Eulogio do que na maioria das famílias espanholas comuns, porque os Nives tinham um instinto familiar fortíssimo. Paulina costumava dizer que os Nives eram uma espécie de maçonaria espalhada pela nação. Nem mesmo a Guerra Civil os separara. Todos os parentes, de convicções políticas distintas, se haviam ajudado uns aos outros quando podiam, ultrapassando todas as diferenças de opinião. Eulogio fora ajudado pelos parentes quando estava na América; e ao chegar a Espanha também lhe haviam dado a mão.

Eulogio sentia-se mais solidamente estabelecido na vida sabendo que não estava só, que pertencia a um clã. Um clã de pessoas trabalhadoras, cheias de força, afortunadas.

Antonio Nives, o primo em segundo grau de Eulogio, com quem Paulina se recusara a ir para Ponferrada, era o Nives mais abastado e menos característico; filho de um bom advogado de Barcelona, era rico sem qualquer espécie de mérito próprio. Era rico graças ao destino. A mãe (uma rapariga de origem filipina, com uma imensa fortuna) morrera no parto e ele herdara essa grande fortuna. O advogado, seu pai, que o obrigara a fazer o mesmo curso na esperança de o ter no escritório, deseperava perante a vida de absoluta preguiça e extravagância de Antonio. Fiara-se no casamento do filho, julgando que haveria uma mudança. Mas desde que ele casara, estava ainda pior...

Todos os Nives olhavam para Antonio com alguma reserva. O casamento que ele contraíra causava-lhes grande espanto porque Rita Vados, a sua mulher, era exactamente o tipo de pessoa que qualquer senhora Nives teria desejado para o seu filho, tal como Paulina, a mulher de Eulogio, seria sempre considerada uma desgraça familiar... E, no entanto, Eulogio, um rapaz sensato, que sempre fizera aquilo que os pais esperavam dele, escolhera Paulina, e fora Antonio, o nervoso, o «artista» — e os seus parentes imprimiam à palavra um sarcasmo bastante merecido, pois Antonio gabava-se de ser poeta e escritor sem razão alguma —, quem soubera escolher e conquistar a filha dos condes de Vados de Robre, a melhor família da região e a única aristocrática da vila.

Todos os Nives se sentiam de alguma forma ligados a esta povoação de Villa de Robre. Havia vários chalés de Verão, pertencentes a uns quantos membros da família. Todos gostavam de lá ir de vez em quando, por muito longe que vivessem... Daí o convívio desde crianças e o casamento de Antonio Nives com Rita Vados... A casa matriz de todos os Nives, porém, era a de Eulogio. Mariana cuidara daquela casa, introduzira-lhe

todas as comodidades modernas sem estragar o encanto das suas sólidas paredes de pedra. Era um sítio agradável para viver. O melhor sítio do mundo.

Numa rua estreita, um portão cravejado, meio embutido num muro... Um enorme automóvel amarelo ocupava quase toda a rua. O automóvel de Antonio... Mais alguns minutos e Paulina não teria pretexto para a excentricidade de ir para Ponferrada sozinha no pequeno comboio de bitola estreita. Quase todas as tardes, depois de um passeio de carro com a mulher doente, Antonio ia ao casarão.

O portão encontrava-se entreaberto. Eulogio empurrou-o. Entrou num pátio ajardinado. Grandes canteiros com hortênsias azuis e cor-de-rosa enfeitavam-no. Pelos muros da casa, trepavam glicínias e buganvílias: flores quietas, como que adormecidas na calma angustiada do momento. Um alpendre amplo, como uma divisão à qual faltasse apenas uma parede, decorado com móveis antigos, parecia esperar sobre alguns degraus de pedra. O chão do pátio estava revestido com lajes entre as quais crescia erva.

Não havia ninguém no alpendre, mas assim que entrou em casa, Eulogio ouviu vozes na divisão a que chamavam «a saleta» ou «o quarto de Mariana», porque era o refúgio da mãe... Uma divisão bonita, luminosa, com um piano e uma lareira, que, apesar da boa calefação, Mariana gostava de ter sempre acesa no Inverno... Uma biblioteca com os livros favoritos de Mariana, com belas encadernações, e a secretária onde fazia as contas com os seus rendeiros; um sofá, vários cadeirões e cortinados de cores vivas e agradáveis.

Quando Eulogio entrou, os cortinados estavam corridos e a luz acesa. Na sala estavam Antonio e Rita, sua mulher; alta, magra, bonita e muito jovem, com uma terna languidez de cana verde, ainda que a sua grave doença estivesse a deformar-lhe a cara. Não se saberia dizer em que consistia a mudança sofrida por Rita, mas ela já não era a mesma havia alguns meses.

Algo branco e suave, triste, indefinível, parecia apagar-lhe as feições.

Estavam também os sogros de Antonio. O conde dos Vados, um velho alto e magro, de óculos, muito educado e sorridente, que, segundo se dizia, enlouquecera, e a condessa, uma senhora gorda que à primeira vista parecia uma governanta distinta, com um fato que lembrava uma sotaina ou um casaco preto, o cabelo cinzento apanhado num rolinho na nuca e uma cara sorridente e corada como a de um bebé, e olhos esverdeados como os de Rita, olhos de uma limpidez assombrosa, infantil. Tinha também uma voz de criança pequena que contrastava com o seu volume. Estavam a tomar um refresco com Mariana.

A mãe de Eulogio tinha a mesma idade que a condessa, mas era esbelta e vestia-se com gosto. Na verdade, havia sido alta e gorda nos seus melhores tempos. Ao emagrecer, a sua cara enrugara-se, embora se orgulhasse, como sempre, de ter uma testa muito bonita e lisa. Os seus olhos eram inquietos como os de um homem de negócios. Tinha medo de perder qualquer coisa que pudesse acontecer à sua volta. Mariana teria ficado muitíssimo surpreendida se soubesse que a sua amiga, a condessa dos Vados, a considerava muito inocente e pouco perspicaz... Na verdade, esta era uma opinião pouco partilhada. As pessoas da vila consideravam-na uma boa administradora dos seus bens e, por essa razão, atribuíam-lhe toda a espécie de astúcia e malícia.

Estava calor, até naquela grande divisão se notava um ar opressivo.

– Tivemos de fechar as janelas. A Rita assusta-se com os trovões – explicou Mariana.

Aconchegada num cadeirão, com umas lindas e longuíssimas pernas esticadas diante de si, Rita sorria.

Nessa tarde, Eulogio sentia-se estranhamente inclinado para a piedade. Deu-se conta disso ao observar o sorriso de Rita

e a mão um pouco trémula (muito jovem e ao mesmo tempo já como que um pouco murcha) com que segurava o copo.

Ouviram-se mais trovões. A casa transmitia uma sensação protectora, com as suas paredes grossas.

– Assim, dentro de casa, até é bom ouvir este barulho...

– Ainda não chove, Eulogio?

– Não.

Antonio Nives, que em nada se parecia com a sua família de Villa de Robre, era um rapaz de vinte e cinco anos, alto e muito magro, de olhos castanhos, pensativos. Fumava tranquilamente, sentado num dos braços do cadeirão onde estava a sua mulher. Mas as suas orelhas sugeriam pensamentos atentos. Parecia escutar outro barulho que não o da tempestade. Como se estivesse atento aos passos que pudessem ouvir-se na escada de pedra que começava no vestíbulo.

– A Paulina não vem? – perguntou por fim.

Rita corou inesperadamente.

Mariana olhou para Eulogio, que disse com um certo esforço:

– Peço-vos, em nome dela, que a desculpem, mas sabem como é impulsiva... – Sorriu para conferir naturalidade às últimas frases, que por isso mesmo pareceram artificiais. – Decidiu que tinha de ir hoje para Madrid. Acabo de a deixar no comboio das sete.

Houve uma pausa muito breve. Uma pausa quase angustiada. Ouviu-se o conde cantarolar a meia-voz:

*La dona e mobile
quale piuma al vento...*

Rita desatou a rir. Era um riso nervoso, tonto. Antonio esmagou o cigarro no cinzeiro. A condessa, que estava um pouco afastada, enfiada no seu fato preto, olhava com os seus grandes olhos límpidos e redondos para o grupo constituído por

Antonio e a filha. Não conseguia ver bem a cara da filha, meio tapada pelo corpo do marido.

Antonio olhou para o relógio:

– A que horas passa em Ponferrada o comboio que a Paulina tem de apanhar para Madrid?... Eu podia tê-la levado.

– Não sei bem. Às onze ou à meia-noite acho que passa o expresso. Quis que tu nos levasse e jantasses connosco lá... Mas sabes como é, de repente decidiu e...

O conde perguntou aquilo que ninguém se atrevia a perguntar:

– Não se zangaram, pois não?

– Pelo amor de Deus, Alfonso, de maneira nenhuma!... É que, desde que adoeceu gravemente, a Paulina não anda bem dos nervos, como sabes... Tem de fazer tudo assim, no momento, quando lhe passa pela cabeça...

Ouviu-se a voz de Mariana. Era uma voz penetrante. Uma voz que se ouvia em todos os recantos da casa, ainda que não gritasse.

– Sim, pareceu-nos mais conveniente deixá-la fazer o que quisesse... Sabem o que nos disse o Joaquín. Não a contrariem. Deixem-na recompor-se... Em todo o caso, penso que fisicamente já está completamente recuperada. Há dias estava muito alegre. Demasiado até... Quase me irritava... Vimos como ria, como corria com os cães pela horta, como se fosse uma garotinha e bem sabem que de garotinha já não tem nada... Ia à procura de insectos no campo, para a colecção do filho, com o menino pela mão! Quase ficávamos tontos com tantas entradas e saídas... Noutros dias não se podia aguentar, de tão tristonha, ensimesmada... Depois, a Blanca contribuiu para perturbar-lhe os nervos... Há que reconhecer isso.

A condessa voltou os seus olhos extraordinários para a amiga. Mariana tinha o hábito de atribuir a Blanca todas as coisas pouco claras que aconteciam à sua volta...

– Sim, tu, minha filha, com as tuas beatices e as tuas coisas... Bom, não se pode dizer que a Paulina seja supersticiosa, é um dos poucos defeitos que não tem, nem sequer é crente. Mas a Blanca insistiu em que fosse com ela visitar as amigas, aquelas freiras esquisitas da fundação do Altozano... Sim, as Carmelitas... Bom, não sei porque me dou ao trabalho de explicar o que já todos sabem. Um dia levou-a e aquilo fascinou a tonta da minha nora. Horrorizou-a, vá... A palavra é essa. Mas o horror também exerce um fascínio doentio... Ultimamente o assunto do dia e da noite tem sido essas mulheres que são enterradas em vida, que comem a olhar para uma caveira, que discutem se isto é humano, se aquilo não é humano... Mas ela continuava a vê-las. E depois deu-lhe para ir ao cemitério... Bom... Uma coisa terrível... Dizia que era o melhor entretenimento que a vila lhe podia oferecer. Por fim, hoje saiu-se com a história de que esta vila a enerva demasiado, que vê caveiras e beatas e freiras em toda a parte e que se ia embora... O que podíamos nós fazer? Penso que o melhor foi aquilo que fizemos, dizer-lhe adeus com toda a naturalidade... e deixar a porta aberta para o caso de, chegando a Madrid, decidir voltar.

Eulógio sorria levemente. Paulina não dera nenhuma das explicações a que a sua mãe aludia. Dissera que se ia embora, mais nada. Acrescentara: «Imediatamente, assim que fizer a mala.» As freiras, as caveiras e as beatas eram coisas de Mariana.

Antonio levantou-se. Olhava para Rita.

– Bem, miúda, acho que já acalmou... Além disso, vou eu a conduzir; de modo que não tens de ter medo. Daqui até casa é um instante... Um pulo... Temos de ir.

A tempestade não só não amainava como começava a atingir o seu clímax. As janelas fechadas e os cortinados corridos ocultavam os relâmpagos, mas ouvia-se a trovoada cada vez mais forte.

Mariana estacou no meio da sala.

– Mas então não ficam para o jantar? Eu tinha pensado... Queria contar-vos o que li sobre um caso de desequilíbrio muito semelhante ao da minha nora, não sei se no Adler ou no próprio Freud...

– Não, não... Sabes que a Rita janta na cama. Já foi bastante ter dado um belo passeio esta tarde. Temos de ir devagar, não é, miúda? Não faças essa cara... Sabes que é verdade. Depois vais agradecer-me.

Rita estava realmente muito cansada. Não se atrevia a protestar contra aquela partida repentina no meio da tempestade, dos relâmpagos, do barulho enorme dos trovões... É certo que em poucos minutos estaria em casa. Lá, as paredes também eram sólidas e acolhedoras.

*Violentas tempestades...
agitam a barquinha...
do sucessor de Pedro...
que abandonado está...*

Esta canção, cuja origem numa escola remota e num infan-tário remoto ninguém conhecia, foi cantarolada pelo conde com um sorrisinho irónico, como era seu hábito. Era a sua maneira de se expressar. Depois da canção, beijou carinhosa-mente a mão de Mariana. Blanca sorria, pedindo desculpa pelo marido. Ouviu-se um trovão terrível. Um trovão com dife-rentes gradações, que pareceu sacudir a casa, embora, claro, a casa continuasse completamente sólida. Uma criada gritou na cozinha distante.

Blanca olhou para a filha, que se levantara e se apoiara no marido, de braço dado, pálida. Depois, olhou para o genro. Disse na sua tímida e fresca voz de criança:

– Não poderíamos... Antonio?...

Antonio estava decidido a partir. Via-se na sua cara, nos seus olhos alongados, que tinham habitualmente uma expressão afectuosa e doce e agora pareciam duas riscas escuras, sem expressão.

– Muito obrigado, tia – disse a Mariana, ignorando a sogra.
– Vejamos... ah, sim... aqui está o casaco da Rita. Veste-o, miúda.

Às vezes dizia «miúda» como um martelo que batesse em cada letra. Como uma ordem terminante. Chamava sempre a sua mulher assim.

Cumprimentou Eulogio quase sem olhar para ele. Em contrapartida, o conde deu-lhe duas ou três palmadas afectuosas nas costas, para desculpar a brusquidão do genro.

Quando saíram, todo o alpendre se encheu durante alguns segundos de uma claridade azul. Rita apoiou-se em Antonio e escondeu a cabeça no seu ombro. Era desculpável esta fraqueza, dado que ela estava muito doente. As últimas análises quase a desenganavam, todas revelando uma grave leucemia. Apesar disso, o marido arrastou-a pelo pátio, abraçando-a pelos ombros, enquanto o relâmpago continuava a fazer aquele barulho inofensivo que a assustava.

Alguns pingos muito grossos começaram a cair.

A luz dos faróis do *Cadillac* iluminava a tarde escura, aumentando o negrume à volta. Já era quase noite.

– Meu filho, este Antonio – comentou Mariana – às vezes tem coisas... Foi tão grosseiro com a Rita... Não sei como a Blanca consente... Bem, sei. O Antonio paga as despesas todas da família... Consentem-lhe tudo.

Eulogio permaneceu algum tempo no alpendre. Gostava de ouvir a chuva, difícil, quente, que em breve se precipitaria com raiva. Gostava do cheiro que os maciços de hortênsias já libertavam. Sentia-se o renascer das buganvílias e das glicínias.

Ao entrar na saleta da mãe, viu que Mariana, que não tinha medo de nada, acabara de abrir as janelas de par em par, pelas quais entravam o delicioso cheiro da terra e a chuva, tal como

a lividez dos relâmpagos. Eulogio suspirou profundamente. Preparou um pouco de xarope com gelo e água, e começou a bebê-lo em pequenos goles, lentamente.

Quando a mãe se foi sentar à sua frente, num dos outros cadeirões, adivinhou que ela ia desatar a falar daquela maneira nervosa, viva, seca, que a caracterizava; que ia cair sobre ele uma torrente de palavras cheias de sensatez e de tino comentando a situação e incitando-o a tomar decisões. Deteve-as com a mão antes que começassem.

Mariana estava sentada na ponta do cadeirão, muito direita, com a boca quase aberta para falar.

– Mamã. Amanhã vou para Las Duras... Quero ver como o Miguelito se está a dar por lá.

Las Duras era uma aldeia muito miserável, sem comunicações, na grande região florestal na fronteira de León com a Galiza e as Astúrias, onde os Nives eram proprietários de uma casa construída por um antepassado de Antonio sobre as ruínas de um velho convento. Este senhor comprara-a no tempo da desamortização, muito barata, como grande parte dos bosques que a rodeavam, impossíveis de explorar por falta de estradas e caminhos. A casa era um luxo que aqueles Nives trabalhadores se haviam permitido ao longo de três gerações. Por vezes utilizavam-na como refúgio para a caça grossa. Quando Eulogio era rapaz, gostava de lá passar alguns dias durante o Verão... Agora tinha lá o filho, ao cuidado dos guardas e do seu amigo José Vados.

Mariana voltou a sentar-se, afundando-se e encostando-se no cadeirão.

– Está bem... Façam todos o que quiserem...

Fechou os olhos, como se estivesse fatigada. Não estava. Abriu-os imediatamente a seguir, escutando os barulhos que vinham da cozinha, através da horta, pelas janelas abertas.

– A estúpida da Justa, a cozinheira, diverte-se a assustar a pequena e...

Eulogio não ouvia a mãe mas a chuva, que caía já com força e que parecia levantar da sua alma nuvens de pó e frescura e vida. Parecia dar-lhe alento para os seus projectos com o forte odor que arrancava da terra, dar-lhe força.

Quando Mariana, movida pelo seu zelo de dona de casa, saiu da sala, Eulogio nem se apercebeu.

A chuva e aquele odor da sua terra traziam-lhe recordações dos muitos desejos que sentira ao longo dos seus trinta e seis anos de vida.

Fora educado para viver ali, na vila. Para gerir prosaicamente a fábrica de queijos e manteiga do pai, e cuidar das suas terras. Tinha uma licenciatura em Engenharia Industrial. Gostava do campo... Fora também educado para viver com grande conforto e com todas as satisfações materiais que a sua família exigia da vida. E recebera muitos outros dons. Tinha uma enorme força física e cultivava-a. Gostava de viver bem, mas era caçador e caminhante desde pequeno e conseguia suportar dificuldades e enfrentar muitas situações... A guerra expulsara-o da vila e depois de Espanha. Quando o seu filho, Miguel, estava para nascer, no fim da Guerra Civil, tivera de deixar Paulina em Barcelona, quase abandonada à sua sorte... E embora tentasse regressar imediatamente a Espanha, acabara por embarcar para a América Central e ainda não havia decorrido um ano e meio desde que estava de novo no seu país. Recordou como tivera oportunidade de enriquecer em dois ou três momentos e por alguma razão não o conseguira, uma espécie de estranho destino que acabava por destruir todos os seus planos ambiciosos. Conseguia recordar o pior desses momentos, quando pensou divorciar-se no México, aproveitando certas leis arbitrárias, para casar com uma milionária histórica. Parecia-lhe que esse casamento o teria levado a um patamar de poder económico fabuloso... A milionária fartou-se dele ainda antes de tomar qualquer decisão. Paulina nunca descobriu... As mulheres não haviam sido um factor determinante

no destino de Eulogio. Apenas aquela ânsia de triunfo, de fazer coisas, de moldar a vida. E, claro, lembrava-se sempre de que tinha um filho. Era um homem muito viril, com um profundo instinto paternal. Por fim, achou necessário reencontrar a casa e o filho... Após o seu regresso, porém, esteve mais de um ano empenhado, com a ambição de sempre, numa luta renhida em Madrid, enfiado com a família num modesto apartamento arrendado com mobília, à espera da grande ocasião para dirigir as Empresas Comerciais Nives, nas quais trabalhava. Foi um ano de dificuldades, de mau humor, de exigências a Paulina, que tinha de aprender a viver com um ordenado pequeno e que estava doente... Um ano em que ignorou os telefonemas, as visitas e as cartas da mãe... Por fim, quando Paulina foi para Villa de Robre, quase sequestrada por Mariana, e deu à luz um filho prematuro e morto, Eulogio consentiu em voltar por obrigação... E mal sentiu o cheiro do vale, ouviu o modo especial de falar das pessoas, encontrou os cadeirões confortáveis de Mariana e viu a chaminé de azulejo que sobressaía do edificio da fábrica, soube que aquele era o seu destino. O destino que sempre estivera à espera dele. E... ficaria. Neste preciso momento, nesta tarde, decidiu ficar. Mariana tivera razão desde o primeiro dia. Era lógico que quando o aluguer da fábrica terminasse ele assumisse a direcção. Tinha de recuperar o que era seu. Cuidar daquelas terras e da ganadaria. E até – porque não? – os seus grandes e emocionantes bosques de Las Duras podiam ser uma aventura maior do que qualquer outra que lhe pudesse ter acontecido pelo mundo fora. O seu verdadeiro propósito era o trabalho de que gostava e queria fazer. Naquele cheiro a chuva de tempestade, em todos aqueles ramos agitados, encontrava um sentido, novo e velho. Havia coisas iniciadas pelos seus avós que ele tinha de continuar e coisas que ele próprio podia começar a fazer, ali, na sua terra, e que os seus filhos continuariam...

Quando chegou o momento de pensar nos filhos, franziu o sobrolho. Não sabia se haveria mais filhos além de Miguel.

Recordou o cabelo louro e liso do seu rapaz, a sua boca sorridente e as suas pernas direitas de dez anos. Em todo o caso, Miguel valia por muitos filhos.

Mariana entrou na sala com o seu passo nervoso e os seus olhos claros, inquietos.

– O quê? Vais fumar agora?

Eulogio tinha o cachimbo na mão e preparava-se para o encher.

– Não me tinha apercebido.

– É que vamos jantar daqui a um minuto, meu filho... Depois dizes-me que bagagem queres levar para Las Duras.

Eulogio pousou educadamente o cachimbo. Quando uma rajada de vento açoitou as portas, derrubou dois copos altos de palha, fez voar umas partituras colocadas na estante do piano, levantou-se para arrumar o que era possível daqueles estragos.

Mariana falava agora. Falava, falava... Não de Paulina, como ele temera, mas justamente de Miguel e da má influência que um doido como Pepe Vados podia ter numa criança de dez anos.

– Tens de o trazer imediatamente, filho. Que ideia foi a tua? O Pepe herdou a loucura do pai. A verdade é essa... Basta ver-lhe a cara... Pai louco e mãe tonta; porque a Blanca é muito boa, mas tonta; sabe-se lá o que pode sair dali... Eu bem estranhava que fosse tão esperto quando era pequeno.

Falava de Pepe Vados, que agora se chamava don José González e era o pároco de Las Duras e outras aldeias dos arredores, aldeias perdidas, miseráveis, que ficavam incomunicáveis durante vários meses e que estavam sem médico nem sacerdote havia muitos anos... Os Vados de Robre tinham o apelido González, embora fosse hábito chamá-los pelo título dos pais. Assim, a transformação de Pepe Vados, primogénito dos condes, engenheiro silvicultor, livre-pensador, íntimo de Eulogio Nives e menino mimado de Mariana, num padre de

aldeia chamado don José González foi das coisas mais estranhas que Eulogio encontrou no seu regresso a Espanha.

Pepe pedira-lhe parte da casa de Las Duras (a antiga igreja transformada num celeiro) para que voltasse provisoriamente a ser uma igreja. E já o era...

Eulogio franziu um pouco os olhos, que mudaram ligeiramente de cor, enquanto ouvia a mãe. Não sabia expressar os seus sentimentos por palavras. Além disso, teria sido demasiado difícil sintetizar aquela verdade que ele sentia de forma tão confusa... Pepe Vados, com o cheiro daquela terra leonesa e a sensação confortável e familiar da sua casa, fora o factor mais importante na sua decisão de ali ficar para sempre. Fora Pepe quem, quase sem falar disso, lhe abrira a imaginação para grandes perspectivas de trabalho que se lhe deparavam nos seus próprios bosques... Exactamente como quando eram pequenos, Pepe revelara-lhe aquela beleza.

Pepe Vados era a juventude de Eulogio. O companheiro, mais querido que um irmão, da infância e da adolescência, e Eulogio tivera medo de voltar a vê-lo convertido em algo tão diferente de tudo o que seria possível sonhar para Pepe; num sacerdote... Quando Eulogio regressou a Villa de Robre, ouvir falar de Pepe incomodava-o... E se por fim decidira subir a Las Duras, fizera-o no mesmo estado de espírito com que por vezes decidia sentar-se na cadeira de um dentista. Por necessidade. Porque tinha necessidade de convencer-se, de uma vez por todas, de que o amigo não existia... Depois, algo profundo, algo muito importante sucedera na sua vida quando, com o primeiro abraço, se apercebeu de que Pepe Vados continuava espantosamente a ser o amigo e o irmão, como se não houvessem ocorrido coisas tão terríveis naqueles anos de separação, como se nenhum deles houvesse mudado.

Eulogio fizera a excursão a Las Duras havia duas semanas, com Paulina, Miguel e Antonio Nives. De repente, organizara-se aquela caravana para levar alguns víveres e medicamentos pedidos pelo sacerdote.

Antonio levou-os de carro até à última povoação com estrada: Doña Urraca. Dali, cinco horas de mula, bosque acima... Eulogio recordara as suas excursões a pé, na adolescência, a partir de Doña Urraca. Pepe Vados e ele, de calções curtos e mochila às costas, com aquele suor dourado e limpo que os alagava na quente, húmida e ardente penumbra do bosque, durante as longas caminhadas até ao topo. Ao recordá-lo, constatara que as suas articulações estavam velhas e enferrujadas... Quanto a Antonio Nives, que ainda era um rapaz, que desgraça! Todos os mosquitos o picavam, explicava todas as sensações pavorosas que lhe iam percorrendo as pernas compridas (a sensação de estar desarticulado, de ter levado uma tarefa, de estar moído); suave copiosamente e queixava-se do suor. Com um horror histérico, arrancara do pescoço um insecto duro, dourado, maravilhoso, que Miguel reclamou para a sua colecção... Paulina fora mais corajosa; embora depois tivesse ficado de cama uma manhã, quando chegaram a Las Duras, não se havia queixado.

Miguel revelou-se magnífico. Eulogio sentira-se orgulhoso dele. Não se cansava. Voltar àquele cenário tão grande e tão estranho, com as suas árvores húmidas e gigantescas, emocionara fortemente Eulogio. Miguel dizia que era como estar nas selvas de África.

Chovia quando chegaram. Aquela é terra de chuvas e de febres. Chovia e a terra libertava um cheiro quente. José Vados, quase irreconhecível, com o cabelo grisalho, áspero e cortado à escovinha, aproximou-se deles e à volta dos olhos alegres formaram-se rugas profundas.

— Pareces vinte anos mais velho do que eu — dissera-lhe Eulogio. — Mas de corpo tens menos vinte anos. Continuas com a mesma agilidade.

Os excursionistas levaram a José um grande caixote de medicamentos enviado por outro dos Vados, Joaquín, que também vivia no castelo e era médico. José examinou os medicamentos

com entusiasmo e começou imediatamente a ler umas longas explicações escritas à máquina pelo bom e velho Joaquín.

– Teria sido mais útil para mim ter feito o curso de Medicina... Agora ser-me-ia muito útil. No Inverno, não há maneira de trazer ninguém cá acima... São quatro aldeias abandonadas.

Era tudo muito simples, muito pouco importante. Mas os gestos de Pepe Vados, o seu queixo tenaz, os seus olhos límpidos eram os mesmos, e também a intimidade que nascia entre os dois homens assim que começaram a caminhar lado a lado naquelas paragens que os haviam formado.

Apresentar Pepe a Miguelito era um orgulho estranho e puro para Eulogio. Como poderia ele alguma vez explicar estas coisas?

A semana que ali viveram Eulogio, o padre José e Miguelito foi extraordinária. Iam aos velhos lugares das suas excursões e contavam ao rapaz as suas aventuras de outrora.

Contaram-lhe como foi a primeira expedição de caça a que foram, acompanhando um grupo de caçadores veteranos.

– Porque nessa altura eu e o teu pai éramos novos. Não tanto como tu... Mais quatro ou cinco anos do que tu tens agora...

José dizia isto rindo da cara admirada de Miguel.

– Sim, nesse dia não dormimos em Las Duras; íamos caçar camurças, sabes o que são? Cabras selvagens. A caça mais difícil do mundo... O teu pai, convencido de que era só força física, jurava que voltaria com duas dessas cabritas penduradas às costas... Não te lembras, Eulogio?

Eulogio lembrava-se do cansaço e do encanto daquele velho dia de outono em que haviam andado horas, já para lá das regiões dos bosques, pelas fragas nuas da cumeada, acabando por dormir sobre palha no chão de uma cabana de pastor. O pastor era um tipo sujo que impressionara vivamente Eulogio. Tinha os dentes negros, e o seu cachimbo empestava os horizontes cristalinos das alturas. Quando acabava de fumar,

o homem raspava o forninho do cachimbo com a navalha. Juntava parcimoniosamente na mão, que parecia talhada em madeira escura, a nicotina ensalivada... e depois, comia-a.

Eulogio lembrava-se do perfil barbudo desse homem à porta da cabana, rodeada de estrelas.

– Então, quantas camurças caçaram? – dizia Miguel.

Eulogio e José riam. Eulogio disse que não se lembrava. José explicou com sobriedade:

– Nesse dia, nenhuma.

Quatro ou cinco miúdos ranhosos da aldeia, que José treinava com paciência de domador para serem futuros acólitos, seguiam-nos para todo o lado e ouviam, ao lado de Miguel, estas histórias. Se alguém falava com eles, nunca respondiam.

Paulina e Antonio devem ter passado mal aqueles dias. Pareciam aborrecidos e algo receosos daquela natureza que os rodeava. Devem ter-se cansado dos bosques intermináveis e das pessoas sujas e famintas que pareciam à espreita.

– Nunca seria capaz de viver neste sítio. É horrível – disse Paulina. – Todos os camponeses acreditam em duendes, com a névoa que há. Eu compreendo-os... O que será um Inverno aqui, que horror, meu Deus!

Paulina parecia mais frágil, pálida e delicada no meio da humidade selvagem dos bosques. Notava-se que era uma mulher da cidade, parecia gritá-lo, com as suas mãos brancas, que quase sempre seguravam um cigarro, e os seus sapatos de couro demasiado fino. Destoava naquele ambiente... Quando Eulogio a encontrava, de repente, durante aqueles dias, no pátio húmido da casa parcialmente em ruínas ou acorada a fumar ao pé da lareira, sentia algo estranho dentro de si. Algo que aquele abraço de Pepe Vados deixou a descoberto, misteriosamente ligado à felicidade de ter encontrado o amigo... Uma paixão ténue mas insistente, como uma névoa. Naqueles dias, começou a sentir pena de Paulina, talvez por se sentir rejuvenescido e cheio de confiança... Quando se afastava da casa,

entusiasmado, ficava contente por, pelo menos, Antonio fazer companhia a Paulina. Antonio também parecia deslocado e aborrecido ali. Mas era sobretudo Paulina quem olhava em redor com assombro perante a possibilidade de alguém conseguir suportar aquele clima e aquele isolamento.

Ela olhava para José como se ele fosse louco. José ria-se. Nos últimos anos, todas as suas acções visavam conseguir que o enviassem para aqueles lugares. Tinha o sonho de que a velha e morta paróquia ressuscitasse. A igreja de Las Duras já estava a ser recuperada. Entretanto, dizia-se a missa em casa de Eulogio... O que não deixava de ter a sua graça, porque a família de Eulogio era sabidamente anticlerical. Pelo menos o pai e Mariana, a quem chamavam «a estrangeira» pela sua origem suíça, haviam-se declarado publicamente inimigos da Igreja. Eulogio era céptico... No entanto, por delicadeza, assistia às missas que José Vados dizia todas as manhãs, naquele velho celeiro caiado pelo próprio José, e emocionava-se.

Só ele, Miguelito e duas velhotas de Las Duras as ouviam, além daqueles rapazes cheios de ranho verde no nariz e crostas na cabeça, aos quais depois José oferecia caramelos. Pedia sempre grandes provisões a Villa de Robre... Aquela missa tão despida, com o pobre Sacrário, com o altar sobre uma mesa de pinho e um único crucifixo. Aquela criança grande de cabeça rapada, que devia ser a mais esperta da aldeia e acompanhava, lendo, as respostas escritas com letra muito legível pelo próprio José; o canto dos pássaros que entrava pelas janelas; e, acima de tudo, o estranho gesto reverente com que José oficiava comoviam Eulogio. Paulina e Antonio nunca quiseram levantar-se a tempo de assistir à missa.

Agora Mariana falava e falava sobre José.

— Uma criança pode tornar-se supersticiosa com uma influência assim. E o menino é muito pequeno. Precisa de certos cuidados e não devias, não devias de maneira nenhuma deixá-lo...

– Com a idade dele, eu também teria gostado de lá ficar. Enfim, amanhã vou buscá-lo. Vou ficar uns dias...

A porta abriu-se e apareceu a criada. Era uma rapariga da aldeia que ainda estava envergonhada da touca e das luvas que Mariana a obrigava a usar para servir o jantar.

– Os senhores estão servidos – anunciou num fio de voz...

III

Por vezes, um homem sente que lhe saltam lágrimas de raiva. O motor começara a falhar. Logo quando ele acelerava na velha estrada, debaixo da chuva que caía agora em jorros quentes, iluminados por relâmpagos.

O carro parou junto à berma, naquele lamaçal perigoso que era a estrada meio suspensa sobre o abismo. Antonio era um bom condutor, mas de mecânica não tinha sequer as noções rudimentares. Naquele momento sabia apenas que era necessário chegar a Ponferrada ao mesmo tempo ou antes do comboio de bitola estreita no qual ia Paulina, que estava disposto a consegui-lo fosse como fosse, e que aquilo era como uma ferroada que lhe causava dor.

Apertou o volante até sentir dor nas palmas das mãos. Dor física. Algo mais suportável do que a raiva que o estava a consumir. Desligou os faróis por um momento, com o desejo de descortinar melhor qualquer outra luz na noite. Uma escuridão completa envolveu-o. Um cheiro a erva silvestre, um barulho de água que corre, de água que bate na capota brilhante do automóvel, de água que encharca a terra. Lá em baixo, no vale, as luzes das aldeias que se espalhavam como pirilampos ao longo dos carris. Pareceu-lhe ouvir muito ao longe, o som bem conduzido pelo ar húmido, o inconfundível apitar do comboio.

Apressara a partida de casa tanto quanto possível. Mas há limites para os desejos. Não se pode saltar por cima da família toda, dar um empurrão à mulher doente e assustada, um pontapé ao velho conde que se demorava no vestíbulo, uma cuspidela na cara do cunhado Joaquín, que estava placidamente instalado no seu cadeirão a ler o jornal, nem à mulher de Joaquín, Ana Maria, um ser inofensivo... Não podia fazer nada disto. Em geral também não desejava fazer estas coisas, mas nessa noite ter-lhe-ia sido necessário.

Contentara-se com ser brusco e desagradabilíssimo com todos. Quase empurrara Rita para o quarto. Depois, começou a andar de um lado para o outro no vestíbulo e disse que a tempestade, fechado em casa, o incomodava.

– Vai dar uma volta pelo jardim – sugeriu Joaquín.

Pareceu-lhe detectar um tonzinho irónico em Joaquín. Porém, a cara de pombo do cunhado mantinha-se inalterada, como sempre. Quanto à mulher, nem levantara a cabeça do seu trabalho de malha. Antonio não sabia que aquela família o considerava um ser mal-humorado e perigoso e que em alturas como aquela tentavam não o irritar. Isto não era aplicável ao conde, claro. Alfonso vivia a sua própria vida.

*Nuvens de tempestade que o raio rompe
E em fogo ornais as orlas desprendidas...*

Recitou o conde, a voz trémula e um sorrisinho não muito agradável.

O jardim crescia entre os muros ameados do antigo pátio de armas. O conjunto da torre de homenagem fora aproveitado pelo pai do actual conde para construir uma simpática casa de campo... Antes da guerra, os condes só aí passavam os Verões. Agora aí viviam o ano inteiro, por razões económicas, tal como o seu filho Joaquín, um médico medíocre que não conseguia

estabelecer-se na cidade. Sentindo-se doente, Rita também quisera vir...

– Dar uma volta pelo jardim? Essa é boa...

Do vestíbulo envidraçado, contemplou durante alguns minutos toda a destruição que a chuva selvagem causava nos canteiros de flores. As luzes da casa revelavam os canteiros carregados de roseiras em flor, que se desfolhavam fantásticas, empalidecidos pela electricidade. Iluminavam os salgueiros macios, como que agitados, quase chorosos, e as duas magnólias de que Blanca gostava. Também a capela, reconstruída por Antonio a seguir ao casamento, em homenagem a toda a família piedosa, estava iluminada.

– Vou sair. Lamento muito, mas vou sair. Janto algures por aí... Preciso de um pouco de inspiração para o meu livro.

Disse-o como desafio, mas em vão.

Não sorriram sequer ao ouvir o habitual pretexto do livro. Blanca subira para o quarto de Rita, o conde passeava de mãos atrás das costas. Aquele casal tímido, que para cúmulo se chamava Joaquín e Ana, entreolhou-se. Foi tudo. Antonio pôde assim lançar-se para o jardim e deste para a garagem. Blanca, que fechava as janelas do quarto da filha, viu-o apenas no momento em que acendia a luz da garagem.

– Não levas a gabardina?

O grito de Joaquín chegou-lhe quando já ia debaixo da chuva.

– Manda-ma.

Enquanto tirava o carro, apareceu um criado, protegido por um grande guarda-chuva, com a gabardina no braço...

Sentado ao volante do grande carro americano adquirido recentemente, que não tinha defeitos, que devorava os quilómetros, Antonio sentiu-se poderoso e aliviado. Sentia-se unido à máquina, à sua velocidade. Sentia a boa suspensão, que garantia conforto, suavidade, mesmo por entre aqueles buracos infernais. Aquele aparelho potente e maleável era seu aliado, tão

unido a ele como um bom cavalo. Por vezes incitava-o, encorajava-o como se o carro entendesse.

E agora falhava. Nem sequer um suspiro. Um suspiro seria compreensível, um animal estoirado solta-o. É uma esperança, uma justificação, uma vida. Nada. A frieza de um aparelho avariado. Enquanto uma máquina funciona, o homem confere-lhe a poesia que lhe falta, chega a sentir correr sangue e amizade entre os dois. Quando falha, é uma engrenagem complicada e retorcida de ferro frio e lata, assustadora.

E era possível que ninguém passasse por aquela estrada nessa noite. Ele, Antonio, ficaria ali, ridiculamente suspenso sobre o vale, debaixo da tempestade, até ao amanhecer, e Paulina ter-se-ia escapado agora, precisamente agora, quando por fim compreendera o significado que aquilo que acontecera entre os dois tinha para ele. Não se tratava de uma aventura inconsequente. Como pôde pensá-lo?

Sim, sentia uma raiva terrível ao perceber que Paulina escapava. Depois de anos e anos em que o encanto especial daquela mulher o obcecara, depois de a ter esquecido e reencontrado, depois de saber por fim como ela era quando se apaixonava, depois de ter a certeza absoluta de que era seu dono, de corpo e alma, depois de se ter fartado deste sentimento... depois de tudo isto, Paulina pegara na mala, sem uma palavra de aviso, sem uma ruptura definitiva, sem uma ameaça prévia, e desaparecia... E ele nem sequer podia alcançá-la nessa noite, pedir-lhe contas, exigir-lhe, dominá-la...

Deu por si histérico, como uma mulher, com vontade de morder os punhos, enquanto vestia a gabardina para sair do carro.

Apontou a lanterna para as rodas. Por trás da cortina de água iluminada viu que os pneus estavam óptimos.

Começou a lançar contra si próprio uma série de vitupérios, pois tivera uma réstia de esperança. Lembrou-se de ter

ouvido o motorista dizer-lhe que estavam quase sem gasolina... Com os medos que Rita tinha da tempestade, ele esquecer-se de encher o depósito... Era isso. Felizmente, trazia sempre alguns litros de reserva num bidão... Era suficiente para chegar à cidade. Depois...

Com a impaciência, as suas mãos tremiam. Tampas e parafusos caíam no chão. Todavia, por fim conseguiu alimentar aquele motor seco. Por fim, conseguiu despir a gabardina dentro do carro e limpar a cabeça encharcada com o pano velho e sujo guardado ao pé da lata de gasolina e do fato-macaco... Tresandava a gordura.

O automóvel voltou a funcionar. Era um som agradável, aquele ronronar do motor. Um som que lhe crispava os lábios. O relógio do carro marcava oito e meia. Perdera apenas um quarto de hora e parecia-lhe um século. Já não pensava se a mulher merecia ou não tal tortura... Um velho instinto de caça impelia-o a correr atrás dela... Não pensara nisso alguns dias antes quando, na verdade, julgava estar um pouco aborrecido com tanta paixão. Entretivera-se a observar as reacções de Paulina enquanto lhe apresentava planos de viagem que os separariam. Falara muito seriamente, quase com tristeza:

– Devia convencer a Rita a irmos para a Suíça... Devia fazer de tudo para que ela se curasse... Ando a resistir àquilo que o Joaquín sugere... A resistir porque tu estás aqui. Talvez isto seja demasiado maldoso.

Nesse momento, Paulina protestou. Empalidecera.

– Sabes que ela não tem qualquer salvação. Tu próprio disseste que é essa a opinião dos especialistas: não há salvação... Só um lhe deu alguns anos, os outros dão-lhe meses. Cruel seria afastá-la daquilo que ela quer.

Nessa altura ele rira-se de Paulina. Com um dedo, seguira a linha da sua garganta, muito suave, e detivera-se na junção da sua boca, grossa e doce. Junto à boca, a pele estava ligeiramente enrugada, tal como ao lado dos grandes olhos caídos,

na orla exterior das pálpebras... Importa notar: naquele momento Paulina estava deitada no chão, a olhar para as copas dos velhos carvalhos, e ele ao seu lado, parcialmente erguido. Estava calor. Junto à testa, as raízes do cabelo preto e grosso de Paulina estavam húmidas de suor...

Agora parecia-lhe sentir a beleza daquela boca querida e daquela pele húmida...

Naquele momento, fora ela quem tremera, assustada com a separação. Agora, era capaz de fugir sem se despedir, sem uma palavra... Nessa mesma manhã, apertara-lhe a mão com o desespero que infundia nessas leves carícias trocadas furtivamente entre pessoas que as podiam ver mas não viam nada.

Rita tinha ciúmes, é certo, mas não tinha ciúmes de tudo e de todos? Ninguém vira nada. Isso, sim, era curioso. Aquelas relações tempestuosas duravam havia cerca de dois meses, seguidas e retomadas diante dos olhos de uma família inteira, e ninguém notara. Mariana, talvez pela condição fria e pacífica do seu corpo; Blanca e Alfonso por inocência; os outros – Antonio sorriu –, os outros por idiotia ou distração, ou por outra razão qualquer. Ninguém sabia como Paulina o procurava e esperava nos arredores da vila, como ele tinha o poder de a fazer feliz ou infeliz, por capricho, e como sentia um curioso prazer em fazê-la chorar, a ela, que em tempos se gabara de nunca chorar...

Mas agora partira. Nunca ameaçara fazê-lo. Apenas uma vez parecera dominada pela angústia. Por vezes dizia sentir-se rodeada por demasiado assédio, loucura quase, e degradações de paixão física.

– Nunca pensei chegar a isto, nunca.

Antonio considerara esta angústia mais um engano. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que Paulina devia ter levado uma vida agitada, muito sua, nos anos que Eulogio passara fora de Espanha.

A maioria dos homens sente uma espécie de necessidade de ser juiz da mulher que ama. Antonio não era exceção. Apesar do que ela lhe jurava, estava convencido de que ela tivera amantes.

Uma mulher com o temperamento dela não dorme sozinha, pensou mais do que uma vez. Ela enganou-me, como agora engana os outros, quando vivia sozinha.

Parecia-lhe que fora um engano habilidoso, com muita cenografia. Antonio apaixonara-se por ela quando era ainda um rapazinho com as suas primeiras calças compridas. O clássico amor de adolescente por uma mulher oito anos mais velha. Uma loucura cheia daquelas piroseiras que atulharam a sua cabeça durante as leituras dos primeiros anos. Uma loucura cheia de cavalheirismo e também de maus desejos. Antonio vivia em Barcelona e Paulina em Madrid, com o filho. O rapaz fazia todas as viagens que podia, com o único desejo de vê-la. Anos e anos em que – com intervalos – ela desencadeara nele aqueles furiosos acessos de paixão.

Paulina não se parecia com ninguém. Era isso que mantinha a paixão. Antonio não sabia se ela era bonita ou feia, não notava se ela envelhecia, nem sequer (ele, que dava tanta importância à aparência) se estava bem ou mal vestida. O encanto dela, tão físico, paradoxalmente parecia transcender o seu corpo ou as suas feições. Antonio nunca conhecera uma mulher que falasse com aquela mistura de orgulho e doçura, ou que erguesse a cabeça com um gesto vivo e inteligente como o dela, ou que risse com aquela espécie de profundidade sem resquícios de estridência, como se um caudal de gozo inundasse lentamente o seu riso, como ela fazia. E sempre a considerara um ser puro, intocável. Para viver, ela dava aulas de Matemática. Cuidava do filho... Sorria com as suas exaltações e uma vez falou-lhe daquilo que para ela significava o verdadeiro amor, com uma emoção quase contagiosa.

«Farsante!», disse a meia-voz, na escuridão do carro. «Farsante. Tu e eu sabemos agora o que é o verdadeiro amor. Tu e eu... Mais nada...»

A sua boca encheu-se de saliva. Teve de a engolir.

A estrada desviava-se agora completamente da via-férrea e do vale em cujo fundo serpenteava o comboio. Entrava num troço melhor, depois de descer... Acelerou. Viam-se as luzes de Ponferrada, luzes fantasmagóricas debaixo da chuva, que era suave e já sem relâmpagos. Algumas chaminés pareciam expelir fumo e chamas na noite. Uns quantos edificios emergiam das sombras, todos iluminados, com paredes de vidro que deixavam ver as entranhas frias e desertas dos escritórios... O Sil reflectia chamas. Algo grande, estranho, emocionante parecia forjar-se naquela noite, entre aquelas luzes da planície. Uma povoação antiga, na rota do caminho de Santiago, descobre uma riqueza mineral e cresce, transbordando as suas velhas pedras, e as fundições fazem da noite essa coisa fantástica de fogo e fumo em luta contra nuvens de algodão.

Enganou-se na estação. Ponferrada é ponto de partida de várias ligações ferroviárias. Quantas estações tem? Antonio não sabia que eram tantas.

— Não, senhor, daqui saem os comboios para Laciana.

Por fim chegou. Eram nove e um quarto. Quase desesperou. «Vou encontrá-la mesmo que já tenha chegado. Ponferrada não é assim tão grande. Vou encontrá-la.»

Procurou um funcionário num pequeno escritório que cheirava a batatas fermentadas. Estava repleto de sacos de batatas que o invadiam totalmente, deixando um pequeno espaço livre para a secretária coberta de papéis e manchas de tinta, para umas grandes teias de aranha no tecto e para o funcionário magro de óculos e boina com galões.

— O senhor não viu o horário?... Como quer que o comboio de Villa de Robre tenha chegado se dá entrada às nove e meia?

O funcionário regressou à sua tarefa. Antonio viu que estava a resolver palavras cruzadas de um jornal infantil. A cara do homem estava profundamente enrugada. Punha a ponta da língua de fora... Diante dele, um relógio marcava os minutos.

Antonio sorriu. Lembrou-se da sua angústia no caminho, da chuva que lhe ensopara o cabelo, que lhe entrara pela gola da gabardina e molhara a camisa. Tinha a impressão de ser um vencedor. Que Paulina seria sua para sempre apenas por isto, porque havia chegado a tempo. Era curioso. Durante todo aquele tempo, estivera obcecado com a ideia de que o comboio de Paulina chegaria às nove.

Rindo da sua própria fraqueza, entrou num urinol. Saiu enjoado, pálido.

«Pareço uma mulher melindrosa, mas tive vontade de vomitar. Que pocilga.»

A noite cheirava bem. Chovia. Defronte da pequena estação havia duas árvores limpas, regadas pelos feixes de luz dos candeeiros empoeirados pela chuva.

A gabardina de Antonio estava completamente encharcada e a água pingava sobre as suas calças. Era um homem jovem e muito magro, e a gabardina, enquanto passeava por baixo da cobertura da estação, parecia ser uma coisa à parte de um ser humano. Era como uma peça de roupa pendurada que a brisa movia lentamente, e lentamente destilava gotas escuras.

Num acto de rebeldia, Paulina Goya decide tomar as rédeas da sua vida e romper com as figuras masculinas das quais depende. Aos trinta e três anos, separa-se do marido e da família, abandona o amante e rumo a Madrid, onde, com um filho a seu cargo, se reconcilia com o seu passado e constrói para si uma vida nova. Torna-se ela mesma uma «mulher nova», que encontra na espiritualidade cristã um caminho para a sua emancipação e libertação, ao arrepio da sociedade espanhola conservadora da década de 1950.

Publicado em 1955, uma década depois de *Nada*, que consagrou Carmen Laforet como a grande revelação da literatura espanhola do pós-guerra, *A Mulher Nova* — vencedor do Premio Nacional de Literatura de 1956 e do Premio Menorca de Novela de 1955 — constitui um romance pioneiro da literatura feminista, incompreendido à época, que retrata uma mulher em busca da sua liberdade, num mundo que, histórica e socialmente, sempre lha negou.

«Uma das melhores narradoras
da realidade espanhola do pós-guerra.»

El Mundo



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-551-5



9 789895 835515